



ORIENTE MÉDIO

Pacto nuclear pela relação com Israel

Trump condiciona tratado com a Arábia Saudita à adesão de Riad aos Acordos de Abraão, que buscam a normalização com o Estado judeu. Benjamin Netanyahu, primeiro-ministro israelense, vê possibilidade de "avanço histórico rumo à paz"

» RODRIGO CRAVEIRO

Ofendido é chinês, mas bem que poderia valer para o cenário envolvendo Estados Unidos e Arábia Saudita: “O que você ouve pode ser falso; o que você vê é verdade”. Um dia depois do anúncio da Casa Branca de que os dois países chegaram a um acordo nuclear que se estenderia por décadas e movimentaria bilhões de dólares, o governo de Donald Trump agora impôs uma condição ao pacto. O reino saudita terá que aderir aos Acordos de Abraão e normalizar as relações com o Estado de Israel, caso deseje levar adiante a parceria nuclear civil com Washington.

A advertência foi feita pelo próprio Trump em sua própria plataforma Truth Social. “O acordo civil nuclear (não haverá e enriquecimento de material!) sendo feito o Departamento de Energia dos Estados Unidos e a Arábia Saudita — e que diz respeito apenas a usos não militares, semelhante aos que o Irã, os Emirados Árabes Unidos e outros possuem — será aprovado, mas está totalmente condicionado à adesão da Arábia Saudita aos muito respeitados e bem-sucedidos Acordos de Abraão”, escreveu o republicano.

Israel reagiu com entusiasmo à condição imposta por Trump. “A entrada da Arábia Saudita nos Acordos de Abraão representaria um avanço histórico rumo à paz no Oriente Médio”, declarou o gabinete do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu. “A ação militar conjunta americana e israelense contra o regime genocida em Teerã e a derrota do eixo terrorista iraniano por Israel criaram a possibilidade de expandir o círculo da paz”, acrescentou.

Líder do Projeto de Zona Livre de Armas de Destruição em Massa no Oriente Médio do Instituto das Nações Unidas para Pesquisas sobre Desarmamento, a israelense Chen Kane lembrou ao **Correio** que a declaração de Trump foi feita por meio de um tuíte, depois da assinatura do acordo. “Até onde sabemos, isso não foi objeto de negociação para inclusão no texto. Se não consta no acordo ou nas atas acordadas, não tem validade jurídica. Trump poderia decidir não encaminhar o texto ao Congresso, caso realmente decida fazer disso uma condição para o acordo”, afirmou a

Ilia Yefimovich/AFP



Ministro ultraconservador e judeus violam status quo da Esplanada das Mesquitas

O ministro israelense de Segurança Nacional, Itamar Ben Gvir, de extrema-direita, visitou, ao lado de centenas de judeus, a Esplanada das Mesquitas, em Jerusalém Oriental, um local no centro do conflito israelo-palestino e regido por um status quo desde 1967. A visita coincidiu com o Tishá BeAv, dia de jejum e luto do calendário judaico que relembra a destruição dos Templos de Jerusalém. Jornalistas da agência France-Presse constataram que Ben Gvir e os visitantes, entre eles colonos, chegaram pela manhã e que alguns deles, incluindo o ministro, rezaram **(foto)** no local, apesar de o status quo proibir orações judaicas ali. Em 2000, a segunda intifada — levante palestino — começou após visita do então líder da oposição, Ariel Sharon.

estudiosa, também diretora do Programa de não Proliferação no Oriente Médio do Centro James Martin de Estudos de Não Proliferação (CNS).

Palestina

Para Kane, a probabilidade de adesão da Arábia Saudita aos Acordos de Abraão é “baixa a curto prazo”. “Há muito o reino se recusa a aderir aos acordos na ausência de um caminho para a criação de um Estado palestino. Isso poderia mudar, caso o

governo e a política de Israel em relação ao Estado palestino sofressem alterações nas próximas eleições israelenses, em outubro”, admitiu. Ela avalia o pacto americano-saudita como um “afastamento significativo da política de não proliferação dos EUA vigente desde 1996, a qual exigia a entrada no Protocolo Adicional da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) e, pelo menos no Oriente Médio, o compromisso de não realizar atividades de enriquecimento ou processamento com tecnologia própria”.

Thibaud Moritz/AFP



Avião combate o fogo no sul da França: verão escaldante e seca atestam mudança de clima

São as mudanças climáticas causadas, principalmente, pela queima contínua de petróleo, carvão e gás, que agravam a seca atual, concluíram os climatologistas do grupo World Weather Attribution, em estudo publicado ontem.

Itália e Espanha

Na Itália, dezenas de incêndios

Os Acordos de Abraão foram uma série de pactos de normalização de relações com Israel mediados por Trump em seu primeiro mandato (2017-2021). Nos termos dos documentos diplomáticos, Emirados Árabes, Bahrein e Marrocos normalizaram suas relações com o Estado de Israel em 2020. Desde então, nenhum outro país havia se somado à iniciativa do presidente americano. O Sudão também aderiu, mas posteriormente mergulhou em uma guerra civil e nunca ratificou nem implementou o acordo.

Ameaça de novo castigo ao Irã

Irã e Estados Unidos prometeram intensificar seus ataques depois que os houthis, rebeldes do Iêmen, aliados ao Irã, abriram outra frente em sua ofensiva contra navios sauditas no Mar Vermelho. O conflito se espalhou para o Mar Vermelho esta semana, depois que rebeldes iemenitas declararam um bloqueio aos portos da Arábia Saudita e alegaram ter atacado dois petroleiros sauditas. Como consequência, o preço do petróleo disparou.

O valor do barril de Brent do Mar do Norte para entrega em setembro subiu 7,04%, a US\$ 100,69 (cerca de R\$ 513,51) — um limite que não tinha alcançado desde maio passado —, devido aos temores sobre o trânsito de petróleo pelo Mar Vermelho, uma rota alternativa para evitar o Estreito de Ormuz. Seu equivalente americano, o barril de West Texas Intermediate para entrega no mesmo mês, subiu 6,17%, a US\$ 92,19 (ou R\$ 469,71).

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, ameaçou aplicar “um grande castigo militar” ao Irã e aos rebeldes houthis no Iêmen, caso lancem novos ataques. O chanceler iraniano, Abbas Araghchi, denunciou, uma atitude “irracional” e “dominante” dos EUA, depois de 12 dias consecutivos de bombardeios americanos contra o território iraniano. “Indivíduos comprometidos dentro da administração dos EUA estão agindo como se não vissem a realidade. Eles ignoram a situação real e parecem focados apenas em 2028. A agressividade irracional que defendem só garantirá que o presidente pague um preço mais alto pelo acordo que tenta alcançar”, escreveu o ministro.

Houthis

Do outro lado da Península Arábica, os houthis iemenitas afirmaram que atacaram, na quarta-feira, com mísseis e drones, dois petroleiros sauditas no Mar Vermelho, o Encelia e o Layla, concretizando a ameaça de bloquear a Arábia Saudita nessas águas, que servem de rota alternativa ao Estreito de Ormuz.

EUROPA

Incêndios florestais devastam três países

Milhares de pessoas tiveram de deixar suas casas, na Espanha, Itália e França, para escapar do alastramento incontido de incêndios florestais, alimentados pelo verão escaldante e seco na Europa. Em termos de área queimada por incêndios florestais, este ano é o segundo pior, na União Europeia, desde que os registros começaram, há 20 anos, de acordo com dados de satélite do sistema Effis analisados pela agência de notícias France-Presse (AFP).

Pelo menos três bombeiros morreram nos últimos dias, dois na França e um na Itália. No sul da França, os bombeiros combatiam dois grandes incêndios. Um, em Le Porge, perto de Bordeaux (sudoeste), já havia queimado 3.400 hectares, segundo a última estimativa. “A polícia bateu em todas as portas. O fogo estava a 500m de distância”, disse à AFP Patrick Martineau, morador de Le Porge, de 69 anos. “Estamos com medo, e é difícil de entender. É surreal. Quando compramos aqui, há seis anos, não pensamos no risco de incêndio”.

De acordo com diversas fontes consultadas pela AFP, o incêndio provavelmente começou durante trabalhos de limpeza de vegetação em uma estrada florestal.

Segundo as autoridades, cerca de 20 mil pessoas foram obrigadas a deixar a área, incluindo turistas e centenas de moradores de cidades próximas à floresta.

Seca

O outro incêndio, que começou na terça-feira, por volta do meio-dia, alastra-se pelo departamento de Var (sul da França) e devastou 2,5 mil hectares. Mais de 300 pessoas foram retiradas. Durante a tarde, o prefeito, Simon Fabre, anunciou que “o fogo reacendeu”, e que entre 50 e 100 focos foram reativados. Segundo o ministro do Interior, Laurent Nuñez, mais de 12,5 mil incêndios foram registrados desde o início do ano, e 44 mil hectares foram queimados.

Na França, os incêndios florestais nunca consumiram tanta superfície nesta época do ano. Espanha e Itália também enfrentam um dos piores anos. As florestas queimam com mais facilidade, porque a vegetação e os solos europeus sofrem, há meses, com uma seca agravada pelas ondas de calor excepcionais que atingiram o continente em junho e julho, causando maior evaporação da água.

12,5 MIL

total de incêndios florestais registrados neste ano na França